

Memórias da URSS

Os anos do pós-guerra (conclusão)

V.A. Torgachev¹

Tentaremos avaliar o nível de vida da população da URSS em 1955 através da comparação dos orçamentos familiares de agregados soviéticos e norte-americanos, compostos por quatro pessoas (dois adultos e duas crianças). A título de exemplo tomamos três famílias médias norte-americanas: a primeira em 1955, segundo dados do Gabinete de Recenseamento da População dos EUA; a segunda em 2010, na base de dados do Ministério do Trabalho dos EUA; e uma terceira família verdadeira do Estado de Virgínia, que concordou em nos fornecer informações sobre o seu orçamento em 2011.

Do lado soviético analisaremos os orçamentos de duas famílias médias, uma rural e outra urbana, em 1955, constituídas por quatro pessoas, de acordo com os dados da Direcção Central de Estatísticas da URSS (*TsSU*), e da minha própria família em 1966, altura em que registava diariamente os rendimentos e despesas familiares.

Dado que temos diferentes unidades monetárias nestes dois países e três períodos, utilizaremos na análise dos orçamentos o rublo/Stáline de 1947. O poder de compra deste rublo era equivalente ao poder de compra do dólar actual ou a 30 rublos actuais. Em 1955, o dólar norte-americano correspondia a seis rublos/Stáline (na cotação em ouro – quatro rublos). Em 1961, em resultado da reforma monetária de Khruchov, cada rublo passou a equivaler a dez dos anteriores. No entanto, devido ao aumento dos preços de mercado e dos fixados pelo Estado, o poder de compra do rublo baixou cerca de 1,6 vezes. Deste modo o rublo na época de Khruchov equivalia não a dez, mas a seis rublos da época de Stáline (na cotação em ouro de 1961, um dólar = 90 kopeques).

¹ Valéri Antónovich Torgachev (1938), doutor em Ciências Técnicas, professor, chefe do Laboratório de Estruturas de Computação Distribuída do Instituto de Informática e Automatização de São Petersburgo da Academia de Ciências da Rússia (*SPIIRAN*). O presente texto foi originalmente publicado no site assinalado em Janeiro de 2013. (*N. Ed.*)

	EUA			URSS		
	1955	2010	2011	1955 rural	1955 urbana	1966
Rendimento	30 000	62 000	94 000	17 000	30 000	13 000
Imposto Rendimento	3000	13 000	21 000	400	2000	-
Descontos reforma	-	5400	4000	-	-	-
Despesas em saúde	1800	3100	2000	-	-	-
Habitação	12 000	21 000	22 000	-	2000	1800
Transporte	3600	7600	9500	-	-	300
Alimentação	8100	6300	10 000	10 000	10 000	6000
Gastos correntes e lazer	1500	5600	15 500	3000	6000	1500
Educação	-	-	10 000	500	500	-
Ama	-	-	-	-	-	1500
Férias	-	-	3000	-	-	1900
Restante	-	-	-3000	3100	9500	-

O quadro anterior necessita de algumas explicações. A frequência do ensino básico, no qual estão as crianças da terceira família norte-americana (com seis e dez anos de idade), é gratuita. Mas os almoços escolares (\$2,5), o transporte escolar e as actividades de ocupação dos tempos livres são pagos, custando cinco mil dólares por ano e por criança. Assim, não se compreende que as despesas escolares sejam omitidas nas estatísticas norte-americanas.

Em 1955, na URSS, um pequeno-almoço quente na escola primária custava um rublo, a escola estava perto de casa e os grupos de ocupação de tempos livres eram gratuitos. Os gastos mais elevados em alimentação da terceira família norte-americana, a mais abastada, devem-se ao facto de uma parte dos produtos serem comprados numa mercearia exclusiva de «*produtos biológicos*» a preços mais altos. Além disso, os almoços diários durante o tempo de trabalho custam 2500 dólares por ano. Nesta família pode-se incluir nos gastos em lazer o tradicional jantar semanal no restaurante (50 dólares pelo jantar e 30 dólares pela ama contratada para ficar em casas com as crianças), bem como pelas aulas de natação das crianças na piscina com treinador (uma vez por semana – \$90). Nos gastos correntes, a limpeza da casa duas vezes por mês e a lavandaria representam 2800 dólares por ano, enquanto o calçado, vestuário e brinquedos para as crianças orçam em 4200 dólares.

Ainda no quadro anterior, a terceira família soviética está mais próxima do grupo das famílias pobres do que da média estatística. Estava então a fazer a pós-graduação. O meu rendimento era constituído pelo estipêndio de mil rublos nominais da época de Stáline e meio vencimento de colaborador científico assistente no valor de 525 rublos/Stáline. A esposa era estudante e recebia um estipêndio de 290 rublos. Os estipêndios estavam isentos de impostos assim como os salários inferiores a 700 rublos. A minha filha com apenas dois anos, não tinha idade para entrar no jardim-de-infância. Por isso, vivia connosco uma ama que recebia 250 rublos. Comprávamos uma

grande variedade de bens alimentícios. A fruta representava mais de um terço do valor do nosso cabaz de alimentos. Nas minhas anotações não ressalta qualquer intenção de limitar as despesas. Por exemplo, todos os meses, aparecem registadas despesas com táxis.

A família de quatro pessoas, incluindo a ama, vivia num apartamento de dois quartos, adquirido num edifício cooperativo, em 1963, pouco depois de termos casado. Nessa altura, trabalhava como engenheiro principal numa empresa do sector militar. As minhas poupanças de dois anos de trabalho, depois de ter terminado o Instituto, foram suficientes para pagar a primeira prestação do apartamento no valor de 19 mil rublos/Stáline, ou seja 40 por cento do valor total. No Verão, passávamos seis semanas na Crimeia, nas margens do Mar Negro, para onde íamos acampar com uma tenda que montávamos em plena praia.

Noto que a família abastada norte-americana atrás referida apenas se pôde permitir uma semana de férias junto ao mar na Carolina do Norte, sendo que os três mil dólares gastos neste período de descanso ultrapassaram o orçamento familiar anual. Por seu lado, uma família «pobre» soviética de três pessoas, com um orçamento anual de 13 mil dólares actuais (muito abaixo do limiar da pobreza segundo os padrões actuais), consumia alimentos frescos e sãos, pagava as prestações da casa, tinha uma ama contratada para cuidar da filha em permanência e fazia férias de Verão prolongadas junto às águas quentes do Mar Negro.

Antes vimos uma jovem família soviética típica de duas pessoas dos meados dos anos 50 (ambos haviam obtido a respectiva formação académica há dois anos: o marido concluíra o curso técnico superior e a esposa, o curso técnico profissional). O seu rendimento líquido mensal, depois de impostos, era de 3400 rublos ou 100 mil rublos actuais. Hoje, o rendimento líquido de uma família análoga, nos casos raros em que marido e mulher trabalham de acordo com as suas habilitações, não ultrapassa os 40 mil rublos, quer em Moscovo, quer em São Petersburgo, enquanto na província é 1,5 a duas vezes menor. Vejam a diferença!

Assim, o nível material de vida da população da URSS nos meados dos anos 50 era mais elevado do que nos EUA, o país mais rico naquela época, e mais elevado do que actualmente nos EUA, já sem falar da Rússia de hoje. Além disso, a população da URSS tinha benefícios sociais inimagináveis na maioria dos restantes países do mundo:

- Uma rede de centros de alimentação infantil (*molotchnie kukhni*) que forneciam gratuitamente a alimentação aos bebés até aos dois anos;
- Uma ampla rede de instituições pré-escolares (creches e jardins infantis), que cobravam preços mínimos pela guarda das crianças (30 a 40 rublos por mês) e eram gratuitas para os kolkhozianos;
- Férias de Verão para as crianças em campos de pioneiros, gratuitas ou a preços reduzidos;
- Escolas de música infantil, permitindo que as crianças obtivessem educação musical e revelassem na mais tenra idade os seus talentos musicais;
- Escolas de desporto infantil, incluindo em regime de internato;
- Grupos de ocupação de tempos livres gratuitos nas escolas;
- Lazer gratuito para crianças nas casas e palácios dos pioneiros;
- Lazer para adultos nas casas e palácios da cultura;

- Associações desportivas que proporcionavam a prática de educação física à população;
- Uma ampla rede de sanatórios, casas de repouso e complexos turísticos, que proporcionavam tratamentos médicos e repouso, gratuitamente ou a preços reduzidos, acessíveis a todas as camadas da população;
- As mais amplas possibilidades de acesso a ensino gratuito e ao aumento das qualificações para todas as camadas da população em regime diurno, nocturno ou por correspondência;
- A garantia de habitação e emprego de acordo com as habilitações, a máxima protecção social, confiança total no dia de amanhã.

Cabe dizer algumas palavras sobre o ensino pago na época de Stáline. Em 1940 foi introduzido o pagamento pela frequência dos últimos anos do ensino secundário, do ensino superior e do ensino técnico-profissional. Em Moscovo e em Leningrado e nas capitais das repúblicas da União, o custo da frequência dos últimos anos do secundário era de 200 rublos por ano. No ensino superior e técnico-profissional era de 400 rublos por ano. Nas restantes cidades era de 150 e 300 rublos respectivamente. Da análise dos orçamentos familiares é visível que os montantes indicados tinham um carácter simbólico. Em 1956 estes pagamentos foram abolidos.

Segundo as estatísticas oficiais, o nível de vida da população da URSS cresceu ininterruptamente até ao momento da sua dissolução. Todavia, a vida real não correspondia a esta estatística.

Por exemplo, o preço de um almoço normal (lagman,² pilaf,³ panqueca e chá verde) no «Uzbekistan», o meu restaurante preferido em Moscovo, onde ia sempre que me deslocava à capital, teve a seguinte evolução em rublos/khruchov: 1955 – 1 rublo; 1963 – 2 rublos; 1971 – 5 rublos; 1976 – 7 rublos; 1988 – 10 rublos.

A evolução do preço de um automóvel «Moskvitch» foi a seguinte em rublos/Khruchov: 1955 – 900 rublos; 1963 – 2500 rublos; 1971 – 4900; 1976 – 6300 rublos; 1988 – 9000 rublos.

Em 25 anos os preços reais subiram dez vezes, enquanto os rendimentos, em particular dos técnicos e engenheiros e dos cientistas, diminuíram. Logo a partir de meados dos anos 60 as pessoas mais abastadas na URSS passaram a ser os empregados do comércio e a nomenclatura, e não os cientistas como até ali.

De cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo o seu trabalho

No final dos anos 30, esta consigna, que caracterizava a essência económica do socialismo, adquiriu formas construtivas, isentas de subjectivismo, e começou a ser aplicada amplamente em todas as esferas da economia nacional da URSS, garantindo no período do pós-guerra ritmos de desenvolvimento numa antes vistos no país.

² Lagman é um prato tradicional da culinária do Quirguistão, semelhante a uma sopa chinesa, com massa num caldo de carne e vegetais. (N. Ed.)

³ Pilaf (*plov* em russo) é um prato tradicional no Médio Oriente, feito com arroz refogado em cebola e óleo, ao qual é adicionada a carne (frango ou borrego). (N. Ed.)

O impulsionador do desenvolvimento de um Método de Aumento da Eficiência do Trabalho, que designo de MAET, foi sobretudo L.P. Béria. Dirigente do partido na Geórgia na década de 30, em apenas alguns anos, Béria transformou esta república bastante atrasada numa das mais prósperas e desenvolvidas economicamente de toda a URSS. Para concretizar esta consigna não era preciso possuir grandes conhecimentos de economia, bastava seguir o normal bom senso.

A essência do referido método consistia em dividir a actividade de qualquer colectivo laboral em duas partes: a parte planificada e a parte que superava o plano. A actividade planificada consiste em efectuar um determinado volume de trabalho no prazo estipulado. O trabalhador recebe pelo trabalho planificado um salário mensal ou semanal, cujo montante depende da sua qualificação e antiguidade na sua profissão. Parte do salário é pago sob a forma de prémios trimestrais ou anuais, o que assegura o interesse de todos os trabalhadores em que o plano seja cumprido (em caso de não cumprimento do plano todo o colectivo perde o direito a prémios). Em geral, a administração tem a possibilidade de limitar o valor dos prémios, de modo a incentivar os que mais trabalham e penalizar os desleixados, mas isto reflecte-se pouco na eficiência do colectivo. Em todo o mundo, os trabalhadores assalariados efectuem exclusivamente o trabalho planificado. Mas neste caso os trabalhadores não têm possibilidade de revelar as suas capacidades. Apenas por vezes, casualmente, um chefe inteligente consegue identificar tais capacidades e promover o trabalhador na hierarquia. Mas o mais frequente é não só não se incentivar a superação de um determinado plano como até se penalizar os que o tentam fazer.

A genialidade dos inventores do MAET consistiu em que conseguiram regulamentar a noção de trabalho «*acima do plano*», para a maioria dos tipos de actividade colectiva, e desenvolver um sistema de incentivos materiais e morais isento de subjectividade. O MAET permitiu a cada trabalhador desenvolver o seu potencial criativo («*de cada um segundo as suas capacidades*») e receber a correspondente gratificação, o que excluía a inveja e os conflitos laborais.

Iniciei a minha actividade laboral no Outono de 1958, quando, ainda estudante do quarto ano do Instituto de Electrotécnica de Leningrado, comecei em simultâneo a trabalhar como técnico no Gabinete de Construções Experimentais *OKB-590* do Ministério da Indústria Aeronáutica. Nesta altura o MAET já tinha sido liquidado, mas o magnífico ambiente moral que existia no colectivo, criado graças ao MAET, manteve-se até ao início dos anos 60. O MAET era um assunto que surgia com bastante frequência nas conversas informais com colegas de trabalho, que estavam no *OKB* desde os anos 40. Tais conversas terminavam com o tradicional remate: «*Que canalha é este careca!*» (aludia-se a N.S. Khruchov). Soube do MAET pelo meu pai, que, no pós-guerra, trabalhou na área de projecto e construção de estradas e durante a guerra foi comandante de batalhão de sapadores, tendo aberto a célebre «*estrada da vida*» de Leningrado, no Inverno de 1942. Mais tarde, em 1962, um companheiro de viagem ocasional, no comboio Leningrado-Moscovo, explicou-me sobre como funcionava o MAET nos estabelecimentos de ensino superior e nos institutos científicos de investigação.

Todos os trabalhos das organizações de projectos eram efectuados sob encomenda dos correspondentes ministérios. No caderno de encargos, que acompanhava a encomenda, eram indicados os parâmetros planificados tanto relativos ao projecto, como ao seu objecto. Estes parâmetros eram: o prazo de execução do projecto, o custo do projecto (sem incluir custos salariais), o custo do objecto projectado, bem como as

características principais do objecto. A par disso, o caderno de encargos incluía uma escala de prémios pela superação dos parâmetros planificados. A redução dos prazos do projecto ou da construção do objecto e a melhoria das suas principais características eram recompensados com prémios quantificados em rublos. Cada encomenda incluía um fundo para prémios, correspondente a dois por cento do custo do projecto. Após a conclusão do projecto, as verbas não gastas deste fundo eram devolvidas ao dono da obra. Nalgumas encomendas particularmente importantes, a escala de prémios podia incluir automóveis, apartamentos e condecorações governamentais, para os quais nem sempre havia destinatários.

Para cada projecto, a entidade nomeava um dirigente que, em regra, não desempenhava funções administrativas. O dirigente do projecto formava um colectivo temporário para a realização do projecto de entre os colaboradores de um ou vários departamentos da entidade, com o acordo dos respectivos dirigentes. Por vezes eram incluídos nestas equipas colaboradores de outras entidades participantes no projecto. O chefe do projecto nomeava o seu adjunto entre os membros do colectivo. Durante o desenvolvimento do projecto, o chefe podia excluir qualquer um dos membros do colectivo. Cada membro da equipa, independentemente das suas funções, recebia à partida um ponto, que simbolizava a sua participação no projecto. O dirigente recebia cinco pontos e o seu adjunto três pontos. No decorrer do processo, o chefe podia atribuir a qualquer dos participantes de um a três pontos, de acordo com a sua avaliação do contributo de cada um. Isto era feito abertamente, as razões eram explicadas a todo o colectivo. Já as propostas de racionalização que garantissem parâmetros acima do plano eram valorizadas com três pontos, enquanto os requerimentos de invenções valiam cinco pontos. Estes pontos eram divididos entre os autores por comum acordo. No momento da conclusão do projecto cada participante sabia o montante do prémio que lhe cabia, em função do número de pontos acumulados, da verba global prevista para recompensar a execução do projecto acima dos parâmetros do plano e em correspondência com a escala de prémios de todos conhecida. O montante dos prémios era confirmado definitivamente pela comissão governamental que recepcionava o projecto e, literalmente, no dia seguinte todos os membros da equipa recebiam o dinheiro que lhe tinha sido atribuído.

No caso de projectos com grandes orçamentos, que demoravam anos a realizar, o valor de cada ponto podia ascender a dezenas de milhares de rublos (dezenas de milhares de dólares de hoje). Por isso, todos os membros do colectivo mantinham relações de grande respeito com as pessoas que garantiam a obtenção de prémios tão elevados, o que criava uma excelente ambiente moral. Os intriguistas e preguiçosos ou não eram escolhidos para formar as equipas, ou eram excluídos dela durante os trabalhos. As pessoas que recolhiam o maior número de pontos em diferentes projectos eram rapidamente promovidas na hierarquia, ou seja, o MAET constituía um excelente mecanismo de selecção de quadros.

Para que o MAET pudesse funcionar na indústria foi adoptada uma abordagem original. Todos os anos era incluído nos parâmetros do plano de cada empresa um ponto sobre a redução dos custos de produção, numa determinada percentagem, à custa de aperfeiçoamentos tecnológicos. Para incentivar este processo foi criado um fundo especial de prémios análogo ao fundo de dois por cento das organizações de projectos. O esquema utilizado era o mesmo. Eram criadas equipas temporárias com os mesmos pontos à partida, com a tarefa de diminuir os custos de uma determinada produção. Ao mesmo tempo, os membros destes colectivos continuavam a exercer as

suas funções laborais. Os resultados apuravam-se no final do ano, altura em que os prémios eram pagos. As empresas tinham o direito de vender a sua produção (agora com menor custo) ao preço antigo e formar com a diferença um fundo de prémios extra-plano. O resultado foi que a produtividade do trabalho nestes anos cresceu mais depressa do que em quaisquer outros países. A eficácia da aplicação do MAET nas empresas industriais é ilustrada pelo quadro seguinte, que mostra a redução dos custos de produção do armamento durante a guerra, momento em que, dada a pressão para produzir, se pensaria que não haveria possibilidade de ainda tentar aperfeiçoar os processos tecnológicos.

	Custo de produção em rublos	
	1941	1945
Bombardeiro PE-2	420 000	265 000
Bombardeiro IL-4	800 000	380 000
Tanque T34	270 000	142 000
Obus M-30	94 000	35 000
Pistola-metralhadora PPCh	500	148
Espingarda Móssine	163	100

(Dados retirados do livro de A.B. Martirosian, *200 Mitos sobre Stáline*)

No conjunto, o custo de produção dos diferentes tipos de armamento, nos quatro anos da guerra, diminuíram mais de duas vezes. E, no entanto, a maioria dos modelos tinham sido adoptados vários anos antes do início da guerra, sendo que a espingarda Móssine-Nagant⁴ era produzida desde 1891.

Na actividade científica não existem critérios quantitativos para avaliar a eficácia das investigações. Por isso, nos institutos de investigação científica considerava-se como «*acima do plano*» os trabalhos de investigação suplementares, realizados por encomenda de diferentes empresas ou do próprio instituto. Nestes trabalhos suplementares, diferentemente da investigação fundamental, havia sempre um fundo salarial que era gerido pelo chefe da equipa, nomeado pela administração do Instituto. Como nos casos anteriores, eram formadas equipas temporárias para a realização do trabalho e atribuíam-se pontos iniciais, os quais podiam aumentar consoante a avaliação do desempenho de cada membro da equipa. Em função dos pontos recebidos, os membros da equipa recebiam uma remuneração mensal correspondente. Estas remunerações constituíam um suplemento ao vencimento de base. Porém, acontecia com frequência alguns membros da equipa receberem uma remuneração suplementar substancialmente superior ao vencimento de base, apesar de à partida, independentemente das funções que desempenhavam, dos graus e títulos académicos,

⁴ A espingarda russa Móssine (do nome do seu construtor Serguei Ivanovitch Móssine) é conhecida no Ocidente como Mosin-Nagant. Trata-se de uma arma que foi produzida entre 1891 e 1965 e era particularmente adequada à função de atirador especial. Desenvolvida para fazer frente às então modernas e inovadoras *Winchester*, o seu inventor acabou por usar um mecanismo de alimentação concebido pelo belga Léon Nagant, cujo nome ficou associado à espingarda. (N. Ed.)

todos terem o mesmo número de pontos, com excepção do chefe e do seu adjunto. Este sistema produzia um curioso efeito psicológico. Aqueles colaboradores que durante muito tempo se viam excluídos destes colectivos, não suportavam ver os seus colegas receber todos os meses muito mais que eles. Então, normalmente, abandonavam o Instituto, o que melhorava o nível médio do quadro de pessoal científico.

Nos estabelecimentos de ensino superior a actividade pedagógica era considerada a fundamental, enquanto a científica era vista como «*acima do plano*». Todos os trabalhos de investigação científica nos estabelecimentos de ensino superior eram efectuados precisamente segundo as regras do MAET, tal como trabalhos suplementares nos institutos de investigação científica ou institutos da Academia de Ciências.

Aos professores e pessoal médico o MAET nunca se aplicou, em primeiro lugar, porque a sua actividade não é colectiva. No entanto, a noção de trabalho «*acima do plano*» revelou-se aplicável também a estas categorias. Os vencimentos dos professores eram definidos com base numa carga horária de 18 horas por semana. Mas no caso de haver muitos alunos, a carga horária podia chegar às 24 horas e mesmo às 30 horas semanais, com uma correspondente compensação salarial. Além disso estavam previstos acréscimos salariais por trabalhos adicionais como a direcção de classe. Os médicos e o pessoal médico podiam receber em horas extraordinárias o equivalente a um ou mesmo dois vencimentos. Por isso, como se constata nos inquéritos da *TsSU* da URSS, o rendimento das famílias de médicos era uma vez e meia mais elevado que o das famílias de operários, enquanto os professores do secundário tinham um rendimento análogo ao dos quadros técnicos e engenheiros da indústria.

A liquidação do MAET, ocorrida em 1956, não exigiu esforços particulares. Simplesmente, nos orçamentos dos trabalhos de construção experimental e de investigação científica, eliminaram-se todos os fundos de remuneração do trabalho, quer para prémios, quer para vencimentos normais. E de imediato as escalas de prémios, os colectivos temporários e os pontos deixaram de fazer sentido. Nos planos das empresas industriais foram retirados os parâmetros de redução dos custos de produção e, desta forma, desapareceu a possibilidade de criação de um fundo de prémios para o aperfeiçoamento da tecnologia e qualquer tipo de estímulo para promover esse aperfeiçoamento. Foram ainda restringidos os montantes das gratificações pela apresentação de propostas de racionalização e invenções.

A característica mais importante do MAET era o facto de não só permitir a acção criativa de um grande número de pessoas e a revelação de talentos, mas também de alterar a psicologia de todos os membros do colectivo, bem como as relações mútuas no seu interior. Qualquer membro do colectivo tinha consciência da importância do seu papel no conjunto do processo e prontificava-se para realizar qualquer parte do trabalho, mesmo no caso de esse trabalho não corresponder ao seu estatuto. A benevolência mútua e o desejo de ajudar o outro eram traços absolutamente típicos dessas relações. No fundo, cada membro do colectivo via-se a si próprio como uma personalidade e não uma mera peça num mecanismo complexo. Alteraram-se também as relações entre chefias e subordinados. Em vez dar ordens e indicações, o chefe procurava explicar a cada subordinado a importância que a tarefa que lhe era incumbida tinha no processo geral. À medida que os colectivos se consolidavam e se formava uma nova psicologia, os próprios estímulos materiais passavam para segundo plano, deixando de ser a principal força motriz. Suponho que quem concebeu o MAET contava precisamente com este efeito.

Apesar de eu ter entrado para o *OKB-590* em 1958, quase três anos após a eliminação do MAET, o bom ambiente moral no colectivo manteve-se durante muito tempo, mesmo sem haver estímulos externos. O laboratório onde trabalhei caracterizava-se pela total ausência de submissão e pelas relações de amizade entre todos os colaboradores. Todos se tratavam pelo nome próprio, incluindo o chefe do laboratório. Isto era facilitado pela pequena diferença de idades que havia entre os colaboradores, o mais velho dos quais tinha menos de 35 anos. As pessoas trabalhavam com grande entusiasmo simplesmente porque o trabalho era interessante. O dia de trabalho prolongava-se desde as 9 da manhã até às 10 ou 11 da noite. Tudo numa base voluntária e sem qualquer pagamento suplementar. Em contrapartida ninguém controlava a hora de chegada ou de saída dos colaboradores. Quando alguém adoecia com uma maleita ligeira, não se lhe exigia que apresentasse atestado médico. Bastava que telefonasse ao chefe do laboratório e lhe explicasse a razão da sua ausência.

A atmosfera criativa que caracterizava todas as subsecções da nossa organização era determinada em grande parte pela personalidade do seu dirigente, V.I. Lanerdine. O *OKB-590* foi criado em 1945 por instrução directa de Stáline, com o objectivo de desenvolver futuros meios de técnica computacional para a aviação. Para chefiar o novo gabinete de construções experimentais, Stáline nomeou o engenheiro Lanerdine, que tinha então 35 anos e não era membro do partido. Lanerdine estava nessa altura nos EUA, onde assegurava os fornecimentos de técnica aeronáutica à URSS, no âmbito do programa de *lend lease*. Dominava com fluência o inglês e o alemão, e era um grande entendido em técnica electrónica. Uma das primeiras secções do *OKB* foi o gabinete de informação técnica, que dispunha de um quadro de tradutores e recebia todas as revistas estrangeiras que tivessem algo a ver, por pouco que fosse, com a aviação e a electrónica, e mais tarde com os foguetões e a técnica computacional. Ao que tudo indica, Lanerdine via diariamente as novas publicações que davam entrada no gabinete de registo, uma vez que nas secretárias dos colaboradores, incluindo os de baixo escalão, surgiam com frequência recomendações suas para que lessem determinados materiais publicados. Na primeira secção existia uma grande biblioteca secreta, onde eram conservados documentação e modelos dos mais recentes inventos estrangeiros, obtidos pelos nossos serviços secretos por encomenda directa do *OKB*. Era Lanerdine quem se ocupava pessoalmente da selecção de quadros para a sua organização. Em Setembro de 1958, à saída do auditório do Instituto, onde decorrera a última aula do dia, era eu um estudante do quarto ano, veio ter comigo um homem de aspecto impressionante e pediu-me que dispusesse de um pouco de tempo para uma conversa particular. Sem me fazer qualquer pergunta, propôs-me um emprego interessante numa empresa do ramo militar, com horário livre e meio vencimento da categoria de técnico (350 rublos por mês), que poderia conjugar com o curso. E garantiu-me que assim que terminasse o Instituto entraria para o quadro daquela empresa. De passagem acrescentou que a empresa ficava perto da minha casa. Só quando me apresentei no novo emprego, soube que aquele homem de aspecto impressionante era V.I. Lanerdine, o chefe da empresa.

No período pós-Stáline, os dirigentes de empresas que não eram membros do partido tornaram-se indesejáveis. Durante de vários anos, o ministério tentou encontrar um pretexto para destituir Lanerdine do seu cargo, mas todas as missões, incluindo aquelas que pareciam irrealizáveis, eram cumpridas antes do prazo, tal como acontecia no tempo do MAET. Por isso, no final de 1962, o *OKB-590* foi simplesmente extinto. O pessoal, assim como aquela área de trabalho, foi transferido para o *OKB-*

680, cujo chefe era totalmente o oposto de Lanerdine, até em russo se expressava com dificuldade. Na nova organização havia um horário rígido. Por um atraso de cinco minutos perdia-se o prémio trimestral. Durante o horário de trabalho só se podia sair das instalações com autorização do chefe adjunto dos recursos humanos. Terminado o horário de trabalho era proibido permanecer nas instalações. Ninguém se interessava pelos resultados do trabalho. E a adesão ao partido tornou-se uma condição obrigatória para se progredir na carreira. Enquanto no *OKB-590* nunca ouvi uma só vez a palavra «partido», e nem sequer havia uma sala do comité do partido.

Nestes anos, os casos de extinção de empresas eficientes do sector militar não eram uma raridade. No Outono de 1960 foi extinto o *OKB-23*, dirigido por V.M. Miássichev, um dos mais eminentes construtores aeronáuticos, que, entre outros, desenvolveu com êxito o bombardeiro estratégico com motor atómico.⁵ Miássichev foi então nomeado dirigente do *TsAGI* [Instituto Central de Aero-hidrodinâmica] e o pessoal do *OKB-23* ficou sob a chefia de V.N. Tchelomei, que trabalhava na criação da técnica dos foguetões espaciais. O adjunto de Tchelomei era o recém-licenciado Serguei Khruchoy [filho de N.S. Khruchoy].

Costuma-se dizer que tudo o que é genial deve ser simples. O MAET é um exemplo brilhante dessa simplicidade genial. Colectivos temporários, pontos que avaliavam com objectividade a contribuição de cada membro para o trabalho do colectivo e uma fundo de prémios relativamente pequeno – eis toda a essência do MAET. E que resultados proporcionou! Talvez o principal resultado se deva considerar a transformação de um grande número de pessoas normais em personalidades criativas brilhantes, capazes de tomar decisões autonomamente. Foi precisamente graças a estas pessoas que o país continuou a se desenvolver, mesmo após a extinção do MAET, até ao início dos anos 60. Depois, no ambiente sufocante que se criou naquele tempo, em que a principal divisa era «*não te evidencies*», as capacidades de cada um deixaram de ser requisitadas.

É possível atrelar ao mesmo carro um cavalo e um gamo tremulante⁶

Considera-se que a economia planificada e a economia de mercado são incompatíveis. Todavia, nos tempos de Stáline, ambas se conjugavam com grande sucesso. Cito apenas um pequeno extracto do interessante texto de A.K. Trubitsine, «*Sobre Stáline e os empresários*»,⁷ que encontrei na Internet: «*Qual foi a herança que o camarada Stáline deixou ao país no que se refere ao sector empresarial privado da economia? Havia 114 mil oficinas e empresas dos mais variados ramos de actividade: da indústria alimentar à metalúrgica e da ourivesaria à indústria química. Nestas empresas trabalhavam cerca de dois milhões de pessoas, que produziam quase seis*

⁵ O projecto do bombardeiro estratégico atómico (M-60) acabou por ser abandonado, dando-se preferência aos mísseis intercontinentais. (N. Ed.)

⁶ Paráfrase de um verso de Púchkin, do poema «Poltava», que diz exactamente o contrário: «*Não se pode atrelar ao mesmo carro um cavalo e um gamo tremulante*». (N. Ed.)

⁷ Este artigo pode ser acedido em russo no seguinte endereço: http://kprf.ru/rus_soc/99271.html (N. Ed.)

por cento do Produto Interno Bruto da indústria da URSS, sendo que as cooperativas de artesãos e cooperativas industriais produziam 40 por cento do mobiliário, 70 por cento da loiça metálica, mais de um terço dos tecidos de malha, quase todos os brinquedos infantis. No sector privado havia cerca de uma centena de gabinetes de design, 22 laboratórios experimentais e mesmo dois institutos de investigação científica. Além disso, este sector dispunha do seu próprio sistema, não estatal, de pensões de reforma! Já sem falar do facto de que as cooperativas concediam empréstimos aos seus membros para a compra de gado, instrumentos de trabalho e equipamentos e construção de habitação. As cooperativas não produziam apenas artigos elementares, mas também coisas que eram indispensáveis à vida. Nos anos do pós-guerra, os artigos fabricados em cooperativas constituíam cerca de 40 por cento do recheio das habitações rurais (loiça, calçado, mobiliário, etc.). Os primeiros receptores de rádio a válvulas soviéticos (1930), os rádios gramofones (1935), os primeiros televisores com tubo de raios catódicos (1939) foram produzidos pela cooperativa de Leningrado «Progress-Radio». A cooperativa «Stoliar-Stroitel», que começou a sua actividade em 1923 fabricando trenós, rodas, abraçadeiras, caixões, adoptou o nome de «Radist» em 1955, dispondo já de uma grande produção de mobiliário e aparelhos de rádio. A cooperativa «Metallist» de Ikutsk, criada em 1941, possuía em meados dos anos 50 uma poderosa base de produção fabril. A cooperativa «Krasni Partisan» de Vologda, que começou a produzir resina em 1934, era já um grande produtor em meados dos anos 50, com uma produção de 3500 toneladas. A cooperativa «Iupiter» da cidade de Gátchina [região de Leningrado], que fabricava desde 1924 artigos de bijuteria, em 1944, logo após a libertação, começou a fabricar coisas tão indispensáveis à reconstrução da cidade como pregos, fechaduras, lanternas, pás, e no início dos anos 50 produzia loiça de alumínio, máquinas de lavar, máquinas de perfuração e prensas.»

Ao ler este artigo recordei-me de que, perto da minha casa, mesmo no centro do bairro de Petrogrado, em Leningrado, se situava o Palácio da Cultura das Cooperativas Industriais (mais tarde tornou-se o Palácio da Cultura do Soviete de Leningrado), que tinha sido construído ainda antes da II Guerra. Dispunha de uma grande sala de cinema, uma sala de concertos e de espectáculos de teatro, bem como múltiplos estúdios e outras instalações para actividades de secções e círculos. E também me lembrei de que, em 1962, durante uma estadia na praia na aldeia de Pitsunda, na Abecásia, fui o único ouvinte, e não muito atento, dos monólogos de um indivíduo que conheci ocasionalmente, o qual tinha trabalhado mais de dez anos nas cooperativas de produção artesanal, e que após a liquidação deste sector sentia vontade de desabafar a sua dor. Nessa altura, as questões da economia não me interessavam muito, e passei longos anos sem nunca me recordar deste episódio. Contudo, pelos vistos, uma parte da informação ficou registada na memória.

Já referi que em 1960 começou uma crise de produtos alimentares na URSS, provocada exclusivamente por factores subjectivos. Leningrado, Moscovo bem como as capitais das repúblicas da União sentiram esta crise em menor grau que as restantes cidades do país. No entanto posso enumerar um conjunto de produtos que eram consumidos com grande frequência na nossa família e que desapareceram neste período. Para além da farinha desapareceram do comércio o grão de trigo-sarraceno, de trigo e de sêmola de trigo, a massa vermicel, as tranças de pão designadas «*khala*», bem como os estaladiços croissants «*franceses*», a manteiga de Vologda e o creme de

chocolate, o leite cozido⁸ e achocolatado, todos os tipos de pré-cozinhados de carne, porco fumado e assado no forno, carpa dourada e outras. Com o tempo, a farinha, os frangos e os pré-cozinhados de carne voltaram a aparecer no comércio. Mas a maior parte dos produtos atrás referidos ainda hoje não se encontram. Nuns casos perderam-se as receitas, noutros comercializam-se com nomes antigos produtos completamente diferentes (isto aplica-se em particular aos produtos de salchicharia, incluindo a célebre «*Dótorskaia Kolbassa*»).

Eis como, mais tarde, o célebre escritor infantil, E. Nossov, autor dos livros sobre o pequeno «*Não sei*» [*«Neznaika»* da frase russa «*ne znaio*», não sei], descreveu esta crise: «*Apesar de os diagramas optimistas sobre a produção de leite e a engorda do gado ainda não terem sido descoloridos nem apagados pela chuva, das prateleiras das lojas começaram a desaparecer a carne e todos os produtos de carne. Depois todos os lacticínios. Em poucos dias evaporou-se até o queijo fundido. A sêmola de milhete e o trigo-sarraceno tinham desaparecido, como depois se verificou, por décadas inteiras. A coisa chegou ao talharim e ao macarrão*».

No Outono de 1963, as fábricas panificadoras suspenderam a produção planificada de cacetes e carcaças, e encerraram as linhas de pastelaria. O pão branco era dispensado apenas a alguns doentes e crianças pré-escolares, mediante a apresentação de um atestado devidamente carimbado. As padarias limitaram o número de pães por pessoa e só se encontrava cacetes de pão escuro, em cuja farinha eram misturadas ervilhas.

O meu companheiro de férias explicou-me lucidamente as razões da diminuição da variedade dos produtos alimentícios, assim como do significativo aumento dos preços dos produtos fabricados a partir de cereais, numa altura em que os números oficiais indicavam haver muito mais quantidade de cereais que em meados dos anos 50, para além de que uma parte importante era comprada no estrangeiro. Na realidade, a maior parte da indústria alimentar da URSS, incluindo a moagem de farinha e a panificação, pertencia às cooperativas industriais. As fábricas panificadoras do Estado existiam apenas nas grandes cidades e produziam um sortido muito limitado de produtos de padaria. A restante produção vinha das padarias privadas, organizadas em cooperativas, que abasteciam o comércio normal do Estado. A mesma situação verificava-se com a produção de produtos de carne, lacticínios e pescado. A propósito, a captura de pescado também era realizada principalmente por cooperativas. A maior parte da carne de gado e aves, do leite, ovos, bem como do trigo-sarraceno e da sêmola de milhete provinha, não dos *kolkhozes*, mas das parcelas individuais dos *kolkhozianos*, e constituía a principal fonte de rendimentos da população rural. Uma parte significativa das empresas de restauração, sobretudo nos países do Báltico, Ásia Central e Cáucaso, estava integrada no sistema de cooperativas de produção artesanal.

Em 1959 as parcelas individuais foram drasticamente reduzidas. Os *kolkhozianos* foram obrigados a vender as suas cabeças de gado aos *kolkhozes*, onde morreram em massa, devido à falta tanto de forragens como de pessoal capaz de cuidar devidamente dos animais. O resultado foi a diminuição do volume de produção de carne e sobretudo de leite. Em 1960 iniciou-se a nacionalização em grande escala das empresas industriais cooperativas, incluindo também na indústria alimentar. Toda a propriedade das cooperativas, designadamente instalações, equipamentos, reservas de mercadorias

⁸ O leite cozido obtém-se após oito horas de cozedura em lume brando. Trata-se de um método pouco conhecido fora dos países eslavos. (N. Ed.)

e monetárias, foi transferida para o Estado sem pagamento de indemnizações. Os colectivos de direcção eleitos pelas cooperativas foram substituídos por dirigentes nomeados pelo partido. O rendimento dos trabalhadores, tal nas restantes empresas estatais, passou a consistir no seu vencimento ou nos valores fixados à peça, complementado com os prémios trimestrais ou anuais. Nas cooperativas, para além do salário normal, existia um fundo de prémios, constituído por 20 por cento dos lucros. Este fundo era distribuído entre os seus membros, tal como no caso do MAET, em função dos pontos acumulados pela participação de cada um no trabalho. O valor de cada ponto era definido sob proposta do presidente da cooperativa nas assembleias-gerais de cooperativistas. Em regra, estes pontos proporcionavam um rendimento mensal de 1,5 a duas vezes superior ao vencimento base, mesmo com o mínimo de participação no trabalho. Em contrapartida, todos os cooperativistas, incluindo o chefe eleito, que também trabalhava num sector concreto, laboravam com a máxima intensidade, sem limites de horário. O rendimento de cada cooperativista dependia não só da quantidade, mas também da qualidade e variedade da sua produção. Recordo-me, a propósito, de que em Leningrado algumas padarias além de abastecerem as lojas do Estado, também faziam distribuição ao domicílio de pão quente, diferentes tipos de carcaças e pastelaria, por um pequeno acréscimo de preço.

Depois da nacionalização, o dia de trabalho dos antigos cooperativistas foi reduzido para 8 horas diárias, conforme a legislação. Ao mesmo tempo, nestas unidades surgiram os chefes nomeados, que eram pessoas totalmente inúteis para a produção, mas ganhavam salários relativamente elevados. Desapareceu o interesse material na qualidade da produção e de imediato aumentou a percentagem de desperdício e de produtos defeituosos. Em consequência diminuiu acentuadamente o volume de produção para um mesmo número de empresas e de trabalhadores. De qualquer modo, as empresas de moagem já não podiam produzir o volume anterior dada a escassez de cereais. A única saída para a situação criada foi aumentar o número de trabalhadores nas empresas da indústria alimentar. Os recursos financeiros suplementares que tal exigia foram obtidos à custa do aumento dos preços dos produtos alimentícios, em média 1,5 vezes, o que provocou automaticamente a diminuição do nível de vida da população. Os preços dos artigos industriais subiram ainda em maior grau. Inversamente, os rendimentos dos antigos cooperativistas caíram mais de duas vezes. A liquidação das cooperativas industriais teria de conduzir à redução do sortido e diminuição da qualidade dos produtos. É muito mais fácil produzir um só tipo de produto do que dez, tanto mais que os parâmetros do plano apenas indicavam em abstracto as quantidades em unidades ou quilogramas.

As empresas cooperativas industriais funcionavam em condições muito mais favoráveis do que as pequenas empresas de hoje. O seu financiamento efectuava-se não através da banca, mas de uniões regionais, inter-regionais ou sectoriais de cooperativas industriais (UCI), que dispunham de fundos especiais de crédito, com uma taxa de juro não superior a três por cento. Nalguns casos, o crédito era concedido a taxa zero. Uma cooperativa recém-formada podia obter um empréstimo sem precisar de dar qualquer garantia: todo o risco de falência era assumido pela UCI. As UCI forneciam às cooperativas os equipamentos e materiais necessários à produção a preços estatais. As encomendas das UCI davam entrada no *Gosplan* da URSS, que destinava as verbas necessárias para os fornecimentos, incluindo de materiais importados e pagos em divisas. A realização da produção das cooperativas podia também ser efectuada através das UCI. Em contrapartida, os preços das cooperativas industriais não podiam ser

superiores aos preços estatais em mais de dez por cento. Para as pequenas cooperativas, as UCI podiam realizar o trabalho de contabilidade, controlo da tesouraria e assegurar os transportes. Os dirigentes das UCI de qualquer nível eram eleitos, em regra, entre os cooperativistas ou entre os colaboradores das UCI dos níveis inferiores. A remuneração do trabalho destes colaboradores efectuava-se nos mesmos moldes que nas cooperativas. Além do vencimento base havia um fundo de prémios que era distribuído de acordo com os pontos pela participação no trabalho. Quanto maior fosse o lucro da cooperativa, maior era a sua contribuição para a UCI e maior seria o fundo de prémios para os seus colaboradores. Isto era um forte incentivo para que as UCI dessem todo o apoio à actividade das cooperativas e ao aumento do seu número.

As UCI desenvolviam uma grande actividade na construção de habitação. Os cooperativistas podiam comprar casas individuais através de um empréstimo a 15 anos, concedido pela UCI a uma taxa de juro de três por cento sem entrada inicial. As UCI eram proprietárias de muito edifícios de apartamentos. Aí, os cooperativistas podiam comprar os seus apartamentos da mesma forma que nas cooperativas de construção de habitação, mas sem entrada inicial.

As cooperativas industriais tinham a sua rede de sanatórios e casas de repouso com estadias gratuitas para os cooperativistas. Tinham a seu próprio sistema de reformas, que não substituíam, mas complementava o sistema estatal. É claro que passados 50 anos posso ter esquecido alguns pormenores. Também é possível que a pessoa que me relatou muitos destes factos sobre as cooperativas industriais, que *«perdemos»*, tenha embelezado a realidade. Todavia, penso que o quadro aqui traçado não está longe da verdade.

Uma última palavra

Os cidadãos da Rússia actual, na sua maioria esmagadora, dos liberais aos comunistas, estão convencidos de que a população da URSS sempre viveu muito pior do que nos países ocidentais. Ninguém faz a menor ideia de que, na época de Stáline, os soviéticos viviam em média muito melhor, no plano material e moral, do que em qualquer outro país daquele tempo e até melhor do que nos EUA da actualidade, já sem falar da Rússia de hoje. Depois veio o funesto Khruchov e estragou tudo. Em 1960 a população da URSS, sem se aperceber, já vivia num país completamente diferente, e passado algum tempo esqueceu-se de como antes se vivia. Foi precisamente neste novo país que surgiram os traços negativos que se consideram inerentes ao sistema socialista. Foi precisamente este país pseudo-socialista, totalmente diferente da União Soviética anterior, que ruiu em 1991 sob o peso dos problemas acumulados. Gorbatchov apenas acelerou este processo, agindo ao estilo de Khruchov.

É por isso que decidi falar sobre o país excelente, do qual me recordo, que era a União Soviética no período de Stáline do pós-guerra.

*Valéri Antónovitch Torgachev,
doutor em Ciências Técnicas, professor*